

CRÍTICA / TEATRO / TODO MUNDO VAI MORRER

A única verdade

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Desde crianças, em todas as culturas, sempre surgem narrativas baseadas no whodunit (corruptela de “quem fez isso”). Seja na vida real ou na ficção, descobrir “quem matou” é um elemento mobilizador. O “quem matou Odete Roitman” ainda é o grande atrativo de “Vale Tudo”. “Todo Mundo Vai Morrer”, do Coletivo Circular, que aproveita os espaços do MAM, combina comédia e suspense de forma inovadora.

Inspirada na técnica de Agatha Christie — na qual a trama se desenvolve num círculo restrito — “Todo Mundo Vai Morrer”, texto de Camilo Pellegrini com direção de Breno Sanches, apresenta-se, à primeira vista, como um suspense. Na verdade, o que vemos é, primeiramente, qual a fonte de interesse que cada personagem tem por uma pessoa específica. Essa é a brilhante solução: a mesma figura pode ser odiada e/ou amada por diferentes razões, sempre dependendo do olhar de quem vê. A dramaturgia bem construída já nos conduz diretamente aos temas.



Lucas Belchior/Divulgação

A montagem itinerante aproveita os espaços do MAM

A direção para os personagens estereotipados conta com interpretações de um elenco equilibrado — Bianca Corrêa, Camilo Pellegrini, Carolina Panneitz, Elton Castro, Hugo Souza, Junio Duarte, Malu Costa, Marina Dib, Nathalia Murat e Wesley May

— que responde muito bem ao que lhes é proposto.

Um procedimento bastante interessante e pouco usual, justamente por ser difícil: o texto foi desenvolvido com base nas características de cada ator, permitindo que cada um

se sinta totalmente integrado ao texto, aos movimentos corporais, ao figurino. Isso cria uma ótima conexão com o público. Assim, a interatividade só cresce e o jogo se torna ainda mais envolvente.

O convite à participação do público começa já com a proposta do ingresso consciente, que evolui para um pequeno drinque inserido no contexto. A itinerância com o grupo de pessoas que se repete permite o cruzamento de temas como desejo, choque de classes, sexualidade, vício, separação, ódio, questões familiares, fracassos, traição e crime. Tudo isso ganha força no cenário de concreto cinzento do prédio do MAM. A tristeza e a morte tornam-se, assim, elementos de alegria ao se assistir a um espetáculo inteligente, criativo e muito bem encenado.

SERVIÇO

TODO MUNDO VAI MORRER

Museu de Arte Moderna (Av. Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo)

Até 27/4, sábados e domingos (18h)

Contribuição consciente: valor sugerido a partir de R\$ 20

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

O mal atemporal

“Yago – Luz da Maldade”, em cartaz no Teatro Glauce Rocha, é baseada em “Oteló”. A adaptação, direção e atuação são de Bruce de Araujo, com supervisão de Miwa Yanagizawa. A peça foca no invejoso Iago, cuja astúcia semeia desconfiança e destruição. Fazendo um paralelo com o mundo atual, onde as mentiras continuam a influenciar nossas vidas, Bruce não vê grandes diferenças entre a época do texto shakesperiano e os dias de hoje em que lidamos com intolerâncias de vários tipos.

Divulgação



Divulgação



Salve São Jorge

Na próxima quarta-feira, dia 23, às 16h, na Praça da Harmonia (Gamboa), a ópera popular “Saga de Jorge” será encenada pela Companhia Brasileira de Mistérios e Novidade. Inspirada na tradição alagoana do Guerreiro, a apresentação será precedida por um cortejo festivo que parte do MUHCAB. Trata-se de uma celebração vibrante da cultura popular brasileira, com brincantes multicoloridos que mantêm vivas as raízes simbólicas e a resistência cultural. O evento é gratuito e contará com tradução em Libras, integrando o Calendário Cultural da Companhia.

Victor Novaes/Divulgação



De volta ao Rio

“Tom na Fazenda” retorna ao Rio para uma curta temporada no Teatro Adolpho Bloch até o dia 30. Sucesso de público e crítica desde a estreia, em 2017, o espetáculo já foi visto por mais de 80 mil pessoas em mais de 450 sessões. Ao longo desses sete anos, consolidou-se como um dos marcos do teatro brasileiro contemporâneo. A adaptação do texto do canadense Michel Marc Bouchard para os palcos brasileiros tem assinatura de Armando Babaioff, que traduziu e protagoniza a obra, e de Rodrigo Portella, responsável pela direção.